



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO PIAUÍ\*

Valério Rosa de Negreiros \*\*

Áurea da Paz Pinheiro (Orientadora)\*\*\*

1

As décadas de 1970 e 1980 no Piauí foram marcadas por constantes reflexões, elaborações e investimentos no campo da cultura, por parte de alguns intelectuais e políticos, no sentido de valorizar a identidade piauiense, de modo que podemos citar a criação de diversas instituições que contribuíram para modificar as vivências na sua sociedade, como a Universidade Federal do Piauí (1971), O plano editorial do estado (1972), a Secretaria de Cultura do Estado (1973) e a organização da revista Presença (1974), a Fundação Cultural do Estado, o Projeto Petrônio Portella (1984), a Fundação Cultural Monsenhor Chaves (1986) e sua revista Cadernos de Teresina (1987).

As instituições escolhidas para este trabalho são a Revista Presença, dirigida pelo Conselho Estadual de Cultura e a Revista Cadernos de Teresina, organizada pela

---

\* Artigo elaborado para apresentação em forma de painel científico no, VI Simpósio Nacional de História Cultural, 24 - 28 de Junho de 2012 na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina – PI.

\*\* Graduando do 7º período do curso de História, pela UFPI, bolsista Iniciação Científica PIBIC/CNPq, sob orientação da profª. Drª. Áurea da Paz Pinheiro. Membro do grupo de Pesquisa: Memória, Ensino e Patrimônio Cultural - CNPq/UFPI.

\*\*\* Doutora em História Cultural pela Unicamp, Professora da Universidade Federal do Piauí, Presidente da Associação Nacional de História [ANPUH – Seção Piauí], Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/UFPI: “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”.

Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Tais lugares partem da prerrogativa de serem espaços vivenciados por Noé Mendes. O intuito de analisar esses espaços é perceber como nos anos 1970 e 1980 o Piauí vivia uma intensa mudança cultural, da qual Noé Mendes de Oliveira fez parte, contribuindo de maneira significativa na elaboração e execução de projetos que mudassem a realidade do Estado do Piauí, e especificamente da cidade de Teresina a partir da construção de uma História, resgatando memórias e divulgando-as como patrimônio cultural do estado piauiense.

Neste trabalho tomamos como referência o conceito de biografia histórica, entendendo-a como instrumento de pesquisa, capaz de responder às questões sobre indivíduos imersos em uma teia de relações sociais, onde se procura pensar o indivíduo não como um ser isolado [...] mas como um indivíduo que desempenha algum papel, que siga rumo a uma determinada direção (PINHEIRO, p.09). Compartilho da ideia de que o indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas”. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence (DEL PRIORE, 2009, p.10).

O biografado é Noé Mendes, historiador e folclorista piauiense, entusiasta da cultura, do patrimônio e seu registro de forma a garantir o direito à memória. Nascido aos 17 de janeiro de 1940, em Simplício Mendes, Piauí, diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em Filosofia e Teologia; cursou Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, e foi professor de História na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Atuando como colaborador da Revista Presença, e como superintendente da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, procuramos neste trabalho perceber as especificidades de seu tempo, os meios por quais passou, à luz do contexto que viveu, de maneira que nos fique claro as singularidades de sua trajetória.

## **NA REVISTA PRESENÇA**

Em oito de maio de 1974, no primeiro editorial da revista Presença, o governador Alberto Silva anuncia estar satisfeito por esta ser mais uma contribuição

para a cultura piauiense, de maneira particular com a revista, que tinha como foco a divulgação desta cultura, permitindo assim a preservação do patrimônio cultural piauiense, em suas formas material ou imaterial.

Na primeira edição, Noé Mendes, dá a sua contribuição em favor da divulgação e preservação do patrimônio cultural, em seus dois artigos. O primeiro tratava das diversas manifestações culturais, representadas na dança em suas determinadas localidades, como o bumba-meu-boi e sua história de origem; o cavalo Piancó, o reisado ou folia de reis e o pagode típicos da cidade de Amarante e por fim a Marujada da cidade de Parnaíba.

Em seu segundo artigo, Mendes apresenta um calendário de “ocorrências folclóricas no Piauí”, o seu objetivo é catalogar e expor as diversas manifestações que ocorrem no Estado de janeiro a dezembro, como forma de fixar essas datas para o povo piauiense. Todos os meses são marcados por alguma manifestação da cultura, expressas em danças, festejos dos padroeiros da cidade, geralmente festas tradicionais dos santos católicos, como Santo Antônio, São Pedro e São João no período junino. Podemos perceber que sua tentativa de organizar assim tais manifestações é uma representação “organizada da memória” (POLLACK, 1992, p. 04), ou seja, a partir do momento em que são fixadas essas datas, o povo piauiense passa a reconhecer em seu cotidiano a própria identidade cultural, firmada pelas suas manifestações culturais. Este processo permite a identificação e conservação da memória, além da divulgação e preservação de tais manifestações.

Em 1975, no segundo ano da revista, no artigo: “O Patrimônio pré-histórico do Piauí: perspectivas de preservação e estudos”, Mendes faz algumas considerações à época, dos pesquisadores do Museu Paulista na região sudeste do Estado do Piauí, onde localizaram segundo eles “a mais importante zona arqueológica do Brasil” (OLIVEIRA, 1975, p. 45).

O Patrimônio, que Mendes se refere, baseia-se em “manifestações de cultura pré-histórica, representado através de pinturas ‘compostas por cerimônias culturais, lúdica e de caça’” (OLIVEIRA, 1975, p. 45). Na região sudeste do estado do Piauí são encontrados em várias cidades, diversas inscrições e pinturas rupestres, que Noé

Mendes caracteriza como “estranhos monumentos megalíticos, pedras misteriosas envoltas em lendas e superstições” (OLIVEIRA, 1975, p.46).

Por ser vasto e riquíssimo o material arqueológico encontrado na Serra da Capivara, Mendes nos alerta sobre a necessidade de pesquisar e preservar esse patrimônio, que já à época das descobertas (década de 1960 e 1970) encontrava-se em degradação natural, ou causada pela ação do homem do campo:

O patrimônio pré-histórico do Piauí precisava mesmo se tornar objeto de estudo, de documentação e de interpretação científica. Esse trabalho inclui, naturalmente, a preocupação de preservar os vestígios e as diversas manifestações de culturas antigas da sistemática devastação de pessoas que destroem por não conhecerem seu valor científico e cultural (OLIVEIRA, 1975, p. 46)

De que modo poderíamos então fazer com que as pessoas conhecessem o valor do patrimônio pré-histórico do Piauí? Como as pessoas poderiam se interessar pelo seu patrimônio? Essas respostas, podemos encontrar em seguida, no seu artigo: “O Folclore na Escola”.

Todo o sistema educacional poderá lançar mão do folclore como fator da mais intensa penetração no campo do ensino [...] o professor deve estar consciente de que o estudo da cultura popular constitui um instrumento eficaz para a compreensão do homem e da comunidade (OLIVEIRA, 1975, p. 47).

É através do folclore, como representação das manifestações populares da localidade que o homem poderá se reconhecer e se sentir parte do seu meio, “o sentimento de pertencimento também fortalece as singularidades territoriais, permitindo que as populações residentes em dadas localidades primem pela transmissão de práticas por várias gerações” (PELEGRINI, 2008).

Em “Sugestões práticas”, Noé Mendes, incentiva a participação do folclore na vida dos alunos ainda na escola. Segundo ele esta prática seria forma eficiente de fazer com que esses alunos criassem a própria consciência de valorização da cultura, a partir, por exemplo, da criação e manutenção de “museus folclóricos” em que fosse possível explorar os bens culturais de cada localidade. Para a composição do Museu do Folclore, na escola, “os objetos que podem formar o acervo, seria composto de peças usadas pelo nosso povo, que possam constituir um documento autêntico da maneira de sentir, pensar

e agir espontâneos da população piauiense ou das diversas regiões do Brasil” (OLIVEIRA, 1975, p.49). O sentido de criação desses museus seria reflexo da necessidade de divulgação e preservação do que é próprio de cada cultura, de maneira que o piauiense pudesse, por si, criar e reforçar sua identidade, ou seja, “a imagem de si, para si e para os outros” (POLLACK, 1992, p. 05).

Sobre a cultura material do piauiense, Mendes a trata como singular, constituindo-se um dos mais significativos fenômenos dessa cultura, como por exemplo, “o universo artístico derivado do uso da madeira, das fibras naturais, do barro, do flandre, etc.” Esses materiais são elementos encontrados em nosso meio, o que permite para os “escultores populares piauienses” transformarem matéria bruta em arte. “O artista popular é, justamente, aquele que domina o fazer artesanal e parte para criar algo que seja a sua própria invenção [...] socialmente engajadas” (OLIVEIRA, 1983, p. 50).

Na revista *Presença*, encontramos alguns artigos que nos revelam o Noé Mendes historiador piauiense preocupado com a preservação da memória, no que se refere ao índios que aqui viveram. Como forma de afirmar e propagar essas ideias, Mendes em seu artigo: “Piauí: terra de índio” nos relata da dizimação dos povos indígenas ocorrida em terras piauiense. Lista-nos os nomes das tribos que aqui viviam “encontrados na época da conquista”:

na região Norte do Piauí estavam: os Tremembés, os Tabajaras, os Gamelas, os Jenipapos, os Guaranis, os Alongás, os Acongás, os Quitaiáús, os Quirirís, os Cratéus, os Potis, os Caribuses, os Caicaíses, os Aindoduses, os Guacinduces, ao Anapurus, os Curatês, e os Anassus. A região centro-sul era habitada pelos: Pimenteiras, Aróas, Acaraós ou Acróas, Gurguéias, Macoases, Jaicós, Timbiras, Cupinharáes, Gueguês, Tapacoás, Barbados, Amaipirás, Guacupês, Ananá, Rodeleiros, Aranhís, Aroaquis, Carapotangas, Aroquanguiras, Capeguacas, Cupicheres, Aitetus, Corerás, Abetirás, Coarás, Nonguases, Bocoreimas, Beçudos, Corsiás, Lanceiros, Ubatês, Moatans, Janduins, Icós, Irirês, Ararirés, Acumés e Ubirajaras” (OLIVEIRA, 1983, p. 31).

Ao fazer essa listagem e demonstrar a grande quantidade de povos indígenas que foram dizimados no Piauí, Mendes mostra-se preocupado com o esquecimento desse nosso passado. Ele afirma com todas as letras que o Piauí é uma terra de índio, e é imperioso que essa relação com nossa história não seja apagada da memória coletiva, pois grande parte do nosso material cultural deriva desses povos. “[...] o Piauí de hoje é,

repetimos, a resultante dos diversos componentes de sua formação histórica, étnica, social e econômica [...] a marca profunda destes elementos básicos está na casa de taipa coberta de palha de babaçu, carnaúba ou buriti [...] na tecedeira de rede e de labirinto e no oleiro que modela o barro, criando painéis [...] tal como os fizeram seus antepassados índios e escravos” (OLIVEIRA, 1977, p. 7-8).

No seu artigo “Serra da capivara: trinta mil anos antes” Noé Mendes continua a sua ideia de preservação do patrimônio cultural a partir da história. Nesse artigo afirma que as pesquisas na região já “revelam um incomensurável patrimônio cultural”, destacando a arte rupestre do sudeste do Piauí, feita por povos caçadores e coletores de alimentos que aqui viveram há trinta mil anos. Em seguida apresenta-nos uma descrição geográfica do espaço que abriga o acervo rupestre das pinturas, revelando o modo de vida do homem primitivo.

## **NA FUNDAÇÃO CULTURAL MONSENHOR CHAVES (REVISTA CADERNOS DE TERESINA)**

6

Criada pela Lei Municipal nº 1.842, em 26 de fevereiro de 1986, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves (FCMC) assessora a administração pública municipal na formulação das diretrizes da política cultural. Atua nos segmentos das artes cênicas, artes plásticas, literatura, música, folclore e cultura popular, patrimônio natural, histórico e artístico. Mantém, ainda, espaços culturais: Casa da Cultura, Teatro do Boi, Teatro de Arena, Teatro Municipal João Paulo II, Palácio da Música, Escola de Danças Folclóricas, 07 (sete) bibliotecas públicas, além de diversas Bandas-escolas, a Banda 16 de Agosto, Coral da Cidade de Teresina, a Orquestra Sinfônica de Teresina e o Balé da Cidade de Teresina. Ademais, apoia diversas manifestações culturais em atendimento à comunidade teresinense, além de desenvolver projetos periódicos e anuais que visam o fomento à cultura.

A criação da FCMC partiu dos esforços de muitas pessoas com interesse de que se consolidasse um debate sobre a cultura no estado e, especificamente, na cidade de Teresina. Por isso, na gestão municipal do prefeito Wall Ferraz foi organizada uma comissão para dar corpo à ideia de uma fundação. Encabeçada por dona Eugênia Ferraz, Noé Mendes e a professora Aldenora Mesquita, concretizou-se a fundação que leva o

nome do historiador piauiense Monsenhor Chaves, pároco da igreja de Nossa Senhora do Amparo. Para Dona Eugênia Ferraz que, de início, exerceu a presidência da Fundação:

a ideia de criar uma fundação cultural no município surgiu quando estive em Brasília – o Wall era deputado federal e eu trabalhava com ele na Câmara. Em conversas com mulheres de deputados de outros estados, que também eram atuantes e trabalhavam com os maridos nos gabinetes, cheguei à conclusão de que havia essa falha em Teresina. A cidade necessitava de um órgão que fizesse cultura, que trabalhasse com o povo, que resgatasse a memória da cidade, que publicasse livros, enfim, todo esse complexo que é fazer cultura em um estado pobre como o Piauí. Essa ideia ficou na minha cabeça. Quando o Wall se elegeu prefeito, ela tomou corpo. Ele gostou da ideia e partimos para formar um quadro básico de funcionários para começarmos esse trabalho. O professor Noé Mendes, a professora Aldenora Mesquita e eu começamos a discutir como agiríamos para criar essa Fundação. Ela começou devagar, conquistando aos poucos a confiança e a simpatia de toda a classe ligada a área cultural da cidade, e daí a implantarmos, essa Fundação foi um passo. Ousado, mas firme. A prova está aí no sucesso dos eventos e no trabalho sério, respeitado por toda a cidade.<sup>1</sup>

7

Mantida sob a responsabilidade da prefeitura municipal de Teresina, contava na época com ajuda de algumas empresas privadas como a Varig, a Antártica, Coca-cola, supermercados Raul Lopes, Serv-San e outros. Todas incentivadas pelos dispositivos da Lei Sarney<sup>2</sup>.

A Revista Cadernos de Teresina, publicada um ano após a criação da Fundação, traz em seu editorial Dona Eugênia Ferraz assumindo os objetivos de levar à população de Teresina um vasto leque da produção cultural da região, além de, por meio da publicação, trazer à comunidade assuntos de interesse e relevância cultural do seu meio social.

Em seu artigo sobre a cerâmica piauiense, Noé Mendes revela mais uma vez a cultura material do Piauí, de maneira que percebemos os elementos que constituem a arte de fazer de um saber originado da época da colonização. Uma tradição que se transforma em arte a partir de sua criação, e em utilidade a partir da sua necessidade.

---

<sup>1</sup> ENTREVISTA com Eugênia Ferraz. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 10, n.24, p.71, dez. 1996.

<sup>2</sup> Lei Sarney - Lei 7505/86 | Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico.

a cerâmica popular do Piauí preserva o caráter tradicional de utilidades domésticas e reflete as necessidades e motivações do nosso meio [...] a arte do barro indica uma das mais ricas e transcendentemente manifestações da cultura material piauiense [...] a cerâmica em si é uma atividade popular que busca soluções de problemas do cotidiano do povo simples do interior. Mas uma visão mais atenta nos leva a ver em cada peça não a sua simples materialidade o simples objeto utilizado por populações carentes. Cada objeto representa um modelo, um tradição, um contexto social e econômico um processo criativo (OLIVEIRA, 1987, p.46-47).

Dotado de uma rica elaboração, o processo de criação e utilização do barro para o cotidiano revela a contraposição de materialidade e imaterialidade. É o momento em que o homem aparece como um artesão da sua vida, transformando sua labuta em prazeres que o fazem mais integrado ao seu meio. Mendes nos revela um Piauí profundamente rico em seu patrimônio.



Potes da cidade de Floriano, Parnaíba e Simplício Mendes

Embora apresente-nos a noção da materialidade dos objetos, como algo resultado do trabalho humano, seguido de sua materialidade, Mendes deixa a desejar quanto à concepção da imaterialidade, embora exista essa noção, como o saber fazer do barro, como elemento intangível.

Ao longo de sua produção escrita, exposta e analisada nesse trabalho, podemos perceber que Noé Mendes foi um incansável difusor da cultura piauiense principalmente

nos elementos que constituem seu valor patrimonial, cercado por um conjunto de fatores que o tornam constituidores de uma tradição histórica, passada ao longo das gerações, pela memória.

Um patrimônio que se apresenta em sua forma material e imaterial. Embora não se discuta as questões do intangível, podemos perceber que a cultura piauiense é dotada nas artes, danças, tradições, festas, cultos religiosos, que se constituem nos campos patrimoniais, e o que é mais importante, a sua preservação, seguindo deste modo os objetivos de divulgação das revistas *Presença* e *Cadernos de Teresina*, veículos que tendem a contribuir para a organização desses elementos culturais, como também para a vinculação entre essa cultura e a educação. Tudo isso como forma de garantir o direito à memória e à conservação, de maneira que possa “contribuir para uma maior compreensão de nossas peculiaridades, conscientizar para uma atitude de respeito à cultura do povo dignificando-a e protegendo-a como patrimônio da comunidade nacional que pertencemos” (OLIVEIRA, 1975, p.48).

Podemos assim concluir, que Noé Mendes fez-se um “homem-memória”; aquele cuja finalidade e a preocupação residiam em guardar e divulgar o patrimônio local a partir de lugares que consideramos espaços reservados a exposição de acontecimentos carregados de sentidos simbólicos para o povo. Foi ainda um entusiasta do reconhecimento social do patrimônio cultural e de sua preservação, como respeito às memórias.

9

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o individuo encontra a História In: *Topoi*, v.10, n. 19, jul – dez. 2009.

ENTREVISTA Noé Mendes. Noé Mendes: “A Fundação pode desencadear um processo cultural”. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 1, n. 1, p. 70, abr. 1987.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História oral*. 8 ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: Biografia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. Danças e Folguedos do Povo. *Presença*, Teresina, ano 1, n. 1, p. 21-31, mai. 1974.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. O patrimônio pré-histórico do Piauí: perspectivas de preservação e estudo. *Presença*, Teresina, ano 2, n. 4, p.45-46, dez. 1975.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. O Folclore na escola. *Presença*, Teresina, ano 2, n. 4, p.47-49, dez. 1975.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. *Folclore Brasileiro*: Piauí. Rio de Janeiro, Funarte, 1977.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. O que é arte popular. *Presença*, Teresina, ano 4, n. 7, p.50, mar./jun. 1983.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. Piauí: terra de índio. *Presença*, Teresina, ano 7, n. 15, p.30-31, jul./out. 1983.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. Serra da Capivara: trinta mil anos antes. *Presença*, Teresina, ano 7, n. 15, p.56-58, jul./out. 1983.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. Cerâmica Piauiense: a criatividade popular. *Cadernos de Teresina*. Teresina, ano 1, n. 3, p. 46-48, dez. 1987.

PELEGRINI Sandra; FUNARI Pedro Paulo. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PINHEIRO Áurea da Paz. *Notas sobre memória, história e biografia*. Texto digitado. Teresina, DGH, [200?].

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200-212.